

Texto lido na Reunião com futuro Ministro de CTIC Sr. Marcos Pontes  
Brasília, 06 de dezembro de 2018

Meu nome é Hernandes Carvalho, sou Presidente da Federação das Sociedades Brasileiras de Biologia Experimental e estou representando as Sociedades filiadas à SBPC da Grande Área de Ciências da Vida.

Gostaria de agradecer à SBPC por ter idealizado este encontro e ao futuro Ministro pela oportunidade. Gostaria também de agradecer as diferentes sociedades que enviaram sugestões para compor este texto que lerei.

Os objetos de interesse da Grande Área de Ciências da Vida são os seres vivos, incluindo os seres humanos, organismos silvestres e cultivados (biotérios, coleções etc). A primeira grande questão neste sentido é que o acesso a estes organismos é regulado. Enquanto seja desejável estarmos legalizados, existe um descompasso entre legislação, regulamentação e a realidade dos laboratórios onde as pesquisas são feitas. Exemplo disto é o SiSGEN - lei de biodiversidade e repartição de benefícios para ciência básica, que torna a maioria dos pesquisadores brasileiros em fora-da-lei. Neste sentido seria necessário reforço na comunicação com o Congresso Nacional e Agências reguladoras.

Dividirei minha fala em três tipos de metas: Pesquisa, Financiamento e Divulgação.

Como **metas de pesquisa**, é preciso mencionar que reconhecemos a importância de projetos de grande porte como Sirius (CNPEM), Gerador Multipropósito Brasileiro, Submarino Nuclear, Usinas Nucleares e o Amazonas Azul (AMAZU). A grande área de ciências da vida precisa de grandes projetos integradores, tais como erradicar determinada doença ou tipos de doenças, identificar 1000 novas espécies dos diferentes biomas por ano, sequenciar metagenomas marinhos, de florestas e de lixões/usinas de compostagem, patentear 100 novas moléculas com potencial medicinal e, como tema não relacionado, mapear 100% dos recursos geológicos do País.

Como **metas de financiamento**, é necessário garantir a continuidade de programas como os INCTs, de projetos de longo prazo similares ao BIOTA.

Fundamentalmente é preciso ter consciência de que ciência de alto nível é cara.

É preciso ter noção de que CT&I são funções do Estado, mas interesses da sociedade. É necessário diminuir a dependência do setor público, que leva ao sentido de posse ou no mínimo, excesso de regulamentação. Haja vistos os exemplos da dificuldade da Fiocruz em exportar vacinas e do Instituto Butantan em realizar testes clínicos (em humanos).

Exemplos de sucesso são a Embrapii e o Serrapilheira no fomento à pesquisa e o IPEB-Hospital Boldrini, na realização de pesquisas. O futuro Ministro mencionou que o interesse do setor privado é o lucro, mas o termo correto poderia ser “benefícios fiscais”.

Como último item, seriam necessárias ações para diminuir as assimetrias regionais: 30% de garantia dentro dos Editais não é suficiente e, principalmente, esbarra em vieses típicos das ações destinadas às regiões N-NE e CO.

Como **metas de divulgação**, precisamos de um lado, garantir a continuidade do Portal de Periódicos da CAPES, uma jóia da inventividade brasileira e bem único da ciência brasileira.

Dou outro, podemos listar uma necessidade premente de comunicação com a sociedade, apoiar revistas brasileiras, as coleções biológicas, herbários e museus, tendo em mente que o incêndio do Museu Nacional é um símbolo emblemático da situação geral. Apoiar também as plataformas que abrigam dados da biodiversidade.

Fechamento:

Como fechamento, podemos ressaltar que existe uma grande dependência da ciência brasileira de tecnologias estrangeiras. Somos consumidores de tecnologias, insumos e equipamentos e que há enorme gargalo na importação, inclusive no recebimento de doações do estrangeiro.

No longo prazo, seria necessário estimular o desenvolvimento da ciência, mas criando uma base mais ampla, similar ao STEM americano: Ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

Se a ciência pode parar em função destes gargalos, a indústria farmacêutica não pode. Em particular, a indústria de radiofármacos está paralisada. Europeus já são tratados do câncer de próstata com o uso do PSMA-radioisótopos (como actínio e lutécio), enquanto os brasileiros morrem.

Por fim, seria necessário ampliar nossa capacidade de realizar testes pré-clínicos e clínicos. Sem eles, o potencial da biodiversidade não será transformado em medicamentos e estes, em riquezas.

Como último comentário, é importante ter em mente que prioridades nacionais não podem resultar em protecionismo e muito menos nacionalismo. A ciência se faz para a humanidade.